

Mundos prováveis

20 anos de
A República dos Corvos

JOSÉ CARDOSO PIRES
A REPÚBLICA
DOS CORVOS



Se alguma grande lição José Cardoso Pires deixou, foi esta: que convém não nos fiarmos muito na inocência das palavras. De tão inofensivas, elas acabam nas mãos dos poderes, que as escolhem ou as proíbem. Esta convicção percorre a obra de Cardoso Pires, mas em particular *A República dos Corvos*, recolha de contos surgida há 20 exactos anos.

É certo que, nele, a desconfiança foi mais longe, atingindo a própria realidade. Muito ao modo surrealista, o descrever vai criando magicamente os objectos. Mas logo o autor recua, lava disso as mãos, com um «segundo consta», um «é o que se depreende», um «não há provas, conta-se apenas», um «tinha todo o ar disso». São ademanos reguilas? Decerto. Mas sinceros até ao osso. O grande *Dinossauro Excelentíssimo*, de 1972, que integra o volume, inicia-se mesmo com um precavido «Supõe-se, está vagamente escrito, que o tal imperador nasceu simplesmente do nada». É isso: o «retrato grotesco de Salazar» (palavras do autor, anos mais tarde) começa com a sugestão da sua própria inconsistência.

Só que as histórias ficam entretanto contadas. Longe do preguiçoso paleio da «impossibilidade de contar histórias», Cardoso Pires ergue mundos bem prováveis. Nunca saímos defraudados, já que as regras do jogo foram límpidas: vou-te contar o que inventei, mas o mais certo é ter-se mesmo passado assim. Ficamos apanhados, claro.

A narrativa «Ascensão e Queda dos Porcos-Voadores», uma das mais conseguidas desta colectânea, tem exactamente a ilusão por tema. Voam porcos ao longe? Não voam? Pelos binóculos, há umas volantes redondezas de porco, com asas reticuladas e lisas de morcego. E não uma, mas meia dúzia de vezes. Se algo aqui mente, e só poderiam ser os potentes binóculos, está visto que mente bem.

Resguardados da realidade, acautelemo-nos também da expressão. O verdadeiro crime do *Excelentíssimo* é a «câmara de torturar palavras». A recente edição *unzipped* de *Histórias de Amor*, volume apreendido em 1952, torna-o mais perceptível. Depois da Censura, a própria Pide surripiara um livro que ousava falar em «lábios húmidos», «dor-de-corno», «camandro», «uma perna abandonada entre os lençóis».

Hoje, pode ler-se *Dinossauro Excelentíssimo* (título assombroso) como o ajuste de contas com um Reino que tutelava as «frases de longo ornato», a «conversa em bacharel», o discursar «em dinossauro rigoroso», um Reino onde «no azul celeste deslizavam frases difíceis». E onde «vocábulos rasteiros», «palavras correntes, mais vivazes ou menos próprias, fogueira com elas».

José Cardoso Pires sempre denunciou o penteado linguajar dominante. Propugnava a «prosa viva, imediata». Insistiu nisso na conversa mantida com Artur Portela, em *José Cardoso Pires por José Cardoso Pires*, de 1991. A «sintaxe citadina» de Almada, de Aquilino, de O'Neill, de Fernando Assis Pacheco, opunha-a ele à «sintaxe rural» de Torga, de Régio, de Namora. Tudo permite supor que esta prosa arrumadinha, ele a via como objectivamente caucionada pelo Regime. O que era injusto com a rebeldia de Torga, que se disfarçava de aticismo. Mas isso achamo-lo nós, que não as sentimos na pele. ■

Fernando Venâncio